

KAZUO ISHIGURO

Klara e o Sol

Tradução
Ana Guadalupe



Quando éramos novas, Rosa e eu ficávamos no meio da loja, do lado em que havia o revisteiro, e conseguíamos ver mais da metade da vitrine. Dessa forma, podíamos observar o lado de fora — os funcionários de escritório passando com pressa, os táxis, os corredores se exercitando, os turistas, o Mendigo e seu cachorro, a parte inferior do Edifício RPO. Logo que nos adaptamos um pouco mais, a Gerente nos deu permissão para ir até a parte da frente e ficar bem perto da vitrine, e então vimos como o Edifício RPO era alto. E se estivéssemos lá na hora certa, víamos o Sol em sua jornada, passando por entre os prédios do nosso lado até chegar ao lado do Edifício RPO.

Quando tinha a sorte de vê-lo assim, eu inclinava o rosto para a frente de forma a absorver o máximo possível de sua nutrição, e se Rosa estivesse comigo, eu lhe dizia para fazer o mesmo. Depois de alguns minutos, precisávamos voltar aos nossos postos. Quando éramos novas, tínhamos medo de ficar cada vez mais fracas, já que era comum não conseguirmos ver o Sol do nosso lugar no meio da loja. O AA Menino Rex, que naquela época ficava no mesmo lado que nós, disse para não nos preocuparmos, pois o Sol sempre encontrava uma forma de nos alcançar onde quer que estivéssemos. Ele apontou para o assoalho e disse: “Olhem o desenho do Sol bem ali. Se vocês estiverem preocupadas, é só tocar nele e vão ficar fortes de novo”.

Não havia clientes quando ele disse isso, a Gerente estava organizando alguma coisa nas Prateleiras Vermelhas, e eu não quis incomodá-la pedindo sua permissão. Então olhei rapidamente para Rosa e, como ela me devolveu um olhar indiferente, dei dois passos adiante, me agachei e encostei as duas mãos no desenho que o Sol tinha feito no chão. Mas assim que meus dedos o tocaram, ele desvaneceu; e apesar de eu ter tentado de tudo — dei uns tapinhas no lugar onde ele estivera e, como isso não funcionou, esfreguei as mãos no assoalho —, o Sol não voltou mais. Quando me levantei de novo, o AA Menino Rex disse:

“Klara, quanto egoísmo. Vocês, meninas AA, são sempre muito egoístas.”

Embora eu ainda fosse nova, na mesma hora me ocorreu que talvez não tivesse sido culpa minha, que talvez o Sol tivesse retirado seu desenho por acaso no exato momento em que o toquei. Mas a expressão do AA Menino Rex continuou séria.

“Você pegou toda a nutrição para você, Klara. Olha só, está quase escuro.”

Era verdade que o ambiente da loja havia ficado bastante sombrio. Até lá fora, na calçada, a placa de SUJEITO A GUINCHO junto ao poste de iluminação parecia cinza e apagada.

“Desculpe”, eu disse a Rex, depois me virei para Rosa: “Desculpe. Não era minha intenção pegar tudo para mim”.

“Por sua causa”, o AA Menino Rex disse, “vou ficar fraco no fim da tarde.”

“Você está brincando”, eu disse a ele. “Eu sei.”

“Não estou brincando. Posso ficar doente agora mesmo. E aqueles AAs no fundo da loja? Já tem alguma coisa estranha acontecendo com eles, e agora eles vão acabar piorando. Você foi egoísta, Klara.”

“Não acredito em você”, eu disse, mas já não tinha tanta certeza. Olhei para Rosa, mas ela continuava indiferente.

“Já estou me sentindo doente”, o AA Menino Rex disse. E seu corpo pendeu para a frente.

“Mas você mesmo acabou de dizer. O Sol sempre consegue nos alcançar. Você está brincando, sei muito bem.”

Por fim, consegui me convencer de que o AA Menino Rex só estava me provocando. Mas naquele dia percebi que, sem querer, eu tinha feito Rex tocar num assunto desagradável, algo que a maioria dos AAs da loja preferia evitar. Não muito depois aconteceu aquilo com o AA Menino Rex, e isso me fez pensar que, mesmo que naquele dia ele estivesse brincando, em parte também falava sério.

Era uma manhã iluminada, e Rex não estava mais ao nosso lado porque a Gerente o transferira para o nicho da frente. A Gerente sempre dizia que cada posição era planejada com muito cuidado, e que em qualquer uma delas tínhamos chances iguais de ser escolhidos. Ainda assim, todos sabíamos que, ao entrar na loja, o olhar de um cliente recaía primeiro sobre o nicho da frente, e Rex sem dúvida ficou satisfeito quando chegou sua vez de ficar lá. Do meio da loja observamos Rex, de pé com a cabeça erguida, coberto pelo desenho do Sol, e em dado momento Rosa se aproximou de mim e disse: “Puxa, ele ficou mesmo maravilhoso ali! Logo vai encontrar um lar!”.

No terceiro dia de Rex no nicho da frente, uma menina entrou na loja com sua mãe. Naquela época, eu não era tão boa em adivinhar a idade das pessoas, mas me lembro de ter estimado que a menina tivesse treze anos e meio, e hoje acho que estava correta. A mãe trabalhava num escritório, e pelos sapatos e blazer que usava, sabíamos que era uma mulher de alto nível. A menina foi direto até Rex e ficou parada diante dele, enquanto a mãe veio andando em

nossa direção, nos olhou rapidamente e depois seguiu para os fundos da loja, onde dois AAs estavam sentados na Mesa de Vidro, balançando as pernas à vontade, como a Gerente os havia orientado. Em dado momento, a mãe chamou a filha, mas a menina a ignorou e continuou olhando para cima e encarando Rex. Então a criança se aproximou e passou a mão pelo braço dele. Rex não disse nada, é claro, só sorriu para ela e continuou imóvel, exatamente como haviam nos ensinado a fazer quando um cliente demonstrava interesse especial.

“Olha!”, Rosa sussurrou. “Ela vai escolhê-lo! Ela adorou Rex. Que sorte a dele!” Dei um cutucão nela para que fizesse silêncio, porque os outros poderiam facilmente nos ouvir.

Dessa vez foi a menina quem chamou a mãe, e logo as duas estavam em pé diante do AA Menino Rex, olhando-o de cima a baixo, a menina às vezes passando a mão nele. As duas deliberavam num tom de voz suave, e em dado momento ouvi a menina dizer: “Mas ele é perfeito, Mãe. Ele é lindo”. E logo em seguida a criança disse: “Ah, vai, Mãe...”.

A essa altura, a Gerente, sem fazer barulho, tinha se posicionado atrás delas. Depois de um tempo, a mãe se virou para a Gerente e perguntou:

“Qual é o modelo deste aqui?”

“É um B2”, a Gerente respondeu. “Série 3. Para a criança certa, Rex será a companhia perfeita. Acredito que ele pode estimular a boa conduta e o gosto pelos estudos, especialmente numa pessoa jovem.”

“Bem, isso seria muito útil para essa mocinha aqui.”

“Ai, Mãe, ele é perfeito.”

De repente, a mãe disse: “B2, série 3. São aqueles com problemas de absorção de luz solar, certo?”.

Ela usou exatamente essas palavras, na frente de Rex, o sorriso ainda no rosto. Rex também continuou sorrindo, mas a criança pareceu perplexa e ficou olhando ora para Rex, ora para a mãe.

“É verdade”, a Gerente disse, “que a série 3 apresentou pequenos contratemplos no início. Mas as notícias a respeito foram bastante exageradas. Em ambientes com níveis normais de luz, não há problema algum.”

“Ouvi falar que a má absorção de luz solar pode causar outros problemas”, a mãe disse. “Inclusive comportamentais.”

“Com todo o respeito, senhora, os modelos da série 3 proporcionaram imensa felicidade a muitas crianças. A não ser que você more no Alasca ou no fundo de uma mina, não precisa se preocupar.”

A mãe continuou observando Rex. Por fim, balançou a cabeça. “Sinto muito, Caroline. Entendo por que você gostou dele. Mas ele não é adequado para nós. Vamos achar um perfeito para você.”

Rex continuou sorrindo até depois de as clientes terem ido embora, e mesmo depois disso não mostrou nenhum sinal de tristeza. Mas foi nesse momento que me lembrei daquela brincadeira que ele fizera e então tive certeza de que aquelas perguntas sobre o Sol, e sobre quanto de sua nutrição cabia a cada um de nós, vinham passando pela cabeça de Rex havia algum tempo.

Hoje, claro, eu sei que Rex provavelmente não era o único. Mas, oficialmente, aquilo estava longe de ser um problema — cada um de nós, sem exceção, tinha especificações que garantiam que não seríamos afetados por fatores como nossa posição em um cômodo. Ainda assim, um AA ia se sentindo mais e mais letárgico depois de algumas horas longe do Sol, e começava a pensar que havia algo de errado com ele — algum defeito que só ele tinha e que, se as pessoas descobrissem, ele nunca encontraria um lar.

Essa era uma das razões por que sempre pensávamos tanto em ficar na vitrine. Haviam prometido que cada um de nós teria sua vez, e cada um de nós ansiava por ela. Em parte, isso tinha a ver com o que a Gerente chamava de a “grande honra” de representar a loja para o mundo lá fora. E também porque, é claro, independentemente do que a Gerente dissesse, todos sabíamos que na vitrine a chance de sermos escolhidos era maior. Mas o principal motivo, como todos compreendíamos em silêncio, era o Sol e sua nutrição. Uma vez, Rosa falou sobre isso comigo, num sussurro, um pouco antes de nossa vez chegar.

“Klara, você acha que quando estivermos na vitrine receberemos tanta nutrição que nunca mais ficaremos fracas?”

Eu ainda era bem nova, então não soube como responder, embora a mesma pergunta muitas vezes me passasse pela cabeça.

Então nossa vez enfim chegou e, certa manhã, Rosa e eu nos posicionamos na vitrine, tomando cuidado para não derrubar os mostruários, como a dupla da semana anterior tinha feito. A loja ainda não estava aberta, é claro, e pensei que a porta de metal estaria completamente baixada. Mas assim que nos sentamos no Sofá Listrado, notei que havia uma fresta na parte inferior da porta — a Gerente talvez a tivesse aberto um pouquinho na hora de verificar se estava tudo pronto para nos receber — e que a luz do Sol formava um retângulo iluminado que subia na plataforma e terminava numa linha reta logo à nossa frente. Só precisávamos esticar um pouco os pés para que eles recebessem seu calor. Naquele momento eu soube: qualquer que fosse a resposta para a pergunta de Rosa, estávamos prestes a receber toda a nutrição de que precisaríamos por um bom tempo. Quando a Gerente tocou o interruptor e a porta da vitrine subiu, abrindo-se inteira, uma luz ofuscante nos banhou.

Aqui devo confessar que, para mim, sempre houve outro motivo para querer ficar na vitrine, que nada tinha a ver com a nutrição do Sol ou com ser escolhida. Ao contrário da maior parte dos AAs, mesmo de Rosa, eu sempre quis ver mais do lado de fora — e com todos os detalhes. Por isso, quando a porta da vitrine subiu, a constatação de que agora só havia o vidro entre mim e a calçada, de que eu estava livre para ver, de perto e sem limites, tantas coisas das quais até então eu só havia visto os cantos e as beiradas, me deixou tão animada que, por um instante, quase esqueci o Sol e como ele era generoso conosco.

Pela primeira vez, pude ver que o Edifício RPO era, na verdade, feito de tijolos individuais, e que não era branco, como eu sempre pensara, mas amarelo-claro. Também pude perceber que ele era ainda mais alto do que eu imaginava — vinte e dois andares —, e que cada janela idêntica à outra era sublinhada por um parapeito próprio. Vi que o Sol tinha desenhado uma linha diagonal que atravessava a fachada do Edifício RPO, de forma que em um dos lados havia um triângulo quase branco, enquanto no outro havia um triângulo muito escuro, embora eu já soubesse agora que o prédio todo era daquele tom amarelo-claro. E eu não só conseguia ver todas as janelas até a cobertura como, às vezes, podia enxergar as pessoas lá dentro, em pé, sentadas, andando de um lado para outro. E, mais adiante na rua, eu conseguia ver os transeuntes, seus vários tipos de sapato, seus copos de papel, suas bolsas a tiracolo e seus cachorrinhos. E, se quisesse, podia seguir qualquer um deles com os olhos até a faixa de pedestres e além da segunda placa de SUJEITO A GUINCHO, até onde dois homens da manutenção apontavam para um tubo de esgoto. Eu conseguia ver dentro dos táxis quando paravam para a multidão atravessar a faixa de pedestres — um taxista tamborilando no volante, o boné de um passageiro.

O dia foi passando, o Sol nos manteve aquecidas, e vi que Rosa estava muito feliz. Mas também notei que ela quase não observava as coisas lá de fora, que mantinha os olhos fixos na primeira placa de SUJEITO A GUINCHO bem à nossa frente. Só quando eu comentava sobre alguma coisa ela virava o rosto, mas então logo perdia o interesse e voltava a se fixar na calçada e na placa.

Rosa só olhava para outro lugar por algum tempo quando alguém parava diante da vitrine. Nessas circunstâncias, nós duas fazíamos o que a Gerente tinha nos ensinado: abríamos um sorriso “neutro” e fitávamos o outro lado da rua, concentrando-nos num ponto no meio do Edifício RPO. Era bastante tentador olhar diretamente para um transeunte que se aproximasse, mas a Gerente explicara que era muito grosseiro fazer contato visual nesse momento. Só deveríamos responder se alguém de fato se dirigisse a nós ou falasse conosco através do vidro, mas nunca antes disso.

Algumas das pessoas que paravam diante da vitrine na verdade não estavam nem um pouco interessadas em nós. Só queriam tirar seus calçados esportivos e fazer alguma coisa com eles ou mexer em seus aparelhos oblongos. Outras, no entanto, chegavam muito perto do vidro e olhavam para dentro — a maioria delas eram crianças, de idades para as quais éramos mais adequadas, e pareciam felizes em nos ver. As crianças se aproximavam animadas, sozinhas ou com seus adultos, e em seguida apontavam, riam, faziam caretas, batiam no vidro, acenavam.

De vez em quando — eu logo ganhei experiência em observar as pessoas diante da vitrine enquanto dava a impressão de estar olhando para o Edifício RPO —, uma criança se aproximava para nos ver e havia nela uma tristeza, ou às vezes uma raiva, como se tivéssemos feito alguma coisa de errado. Uma criança assim podia facilmente mudar no momento seguinte, e começar a rir e a acenar como as

outras, mas, depois do nosso segundo dia na vitrine, aprendi rápido a notar a diferença.

Tentei falar sobre isso com Rosa, na terceira ou quarta vez em que uma criança assim apareceu, mas ela sorriu e disse: “Klara, você se preocupa demais. Tenho certeza de que aquela criança estava muito feliz. Como ela não estaria, num dia assim? A cidade inteira está tão feliz hoje”.

Mas toquei nesse assunto com a Gerente, no fim do nosso terceiro dia. Ela vinha nos elogiando muito, dizendo que estávamos “belas e imponentes” na vitrine. A essa altura, as luzes da loja já tinham diminuído, e estávamos nos fundos da loja, apoiados na parede, alguns de nós folheando revistas interessantes antes de ir dormir. Rosa estava ao meu lado e eu sabia, pela posição de seus ombros, que ela já estava pegando no sono. Então, quando a Gerente perguntou se meu dia tinha sido bom, aproveitei para lhe contar sobre as crianças tristes que haviam se aproximado da vitrine.

“Klara, você é mesmo excepcional”, a Gerente disse, em voz baixa para não chamar a atenção de Rosa e dos outros. “Você percebe e absorve tantas coisas.” Ela balançou a cabeça como se estivesse admirada. Então, disse: “O que você precisa compreender é que somos uma loja muito especial. Muitas crianças lá fora adorariam poder escolher você, escolher Rosa, qualquer um de vocês. Mas, para elas, isso não é possível. Vocês não são acessíveis para elas. É por isso que elas vêm até a vitrine, para sonhar em ter vocês. Mas aí elas ficam tristes”.

“Gerente, uma criança assim... Uma criança assim teria um AA em casa?”

“Talvez não. Não uma AA como você, sem dúvida. Então, se às vezes uma criança olha pra você de um jeito estranho, com amargura ou tristeza, ou diz alguma coisa desagradável pelo vidro, não dê

muita atenção a isso. Só lembre de uma coisa: uma criança assim provavelmente está frustrada.”

“Uma criança assim, que não tem um AA, deve ser muito solitária.”

“Sim, isso também”, a Gerente disse baixinho. “Solitária. Pois é.”

Ela baixou os olhos e ficou em silêncio, por isso esperei. Até que de repente ela sorriu e, esticando o braço num movimento delicado, pegou a revista interessante que eu vinha observando.

“Boa noite, Klara. Que amanhã você seja tão magnífica quanto foi hoje. E não se esqueça. Você e a Rosa estão representando a nossa loja para a rua toda.”

Estávamos quase na metade da nossa quarta manhã na vitrine quando vi o táxi diminuindo a velocidade e o motorista se debruçando para fora para que os outros táxis o deixassem passar pelas faixas de tráfego até chegar ao meio-fio em frente à nossa loja. Josie não tirou os olhos de mim desde que pisou na calçada. Era pálida e magra, e à medida que se aproximava notei que seu modo de andar não era como o dos outros transeuntes. Ela não era exatamente lenta, mas parecia fazer uma pausa depois de cada passo para ter certeza de que estava segura e não iria cair. Estimei que tivesse catorze anos e meio.

Quando se aproximou o suficiente, de forma que todos os outros pedestres começaram a passar atrás dela, ela parou e sorriu para mim.

“Oi”, ela disse através do vidro. “Ei, consegue me ouvir?”

Rosa continuou olhando para o Edifício RPO, como havia sido instruída. Mas agora que alguém tinha se dirigido a mim, pude olhar diretamente para a criança, retribuir seu sorriso e assentir de forma a encorajá-la.

“É mesmo?”, perguntou Josie — embora, é claro, eu ainda não soubesse que esse era seu nome. “Eu mal consigo *me* ouvir. Você realmente está me ouvindo?”

Assenti mais uma vez, e ela balançou a cabeça como se estivesse muito impressionada.

“Nossa!” Ela olhou por cima do ombro — até esse movimento ela fez com cautela — em direção ao táxi do qual acabara de sair. A porta do carro estava como ela a deixara, escancarada, e havia duas figuras que continuavam no banco de trás, falando e apontando para algo além da faixa de pedestres. Josie pareceu satisfeita que seus adultos não estivessem prestes a sair do táxi, e deu mais um passo adiante, quase encostando o rosto na vitrine.

“Eu te vi ontem”, ela disse.

Tentei lembrar o dia anterior, mas não encontrei nenhuma memória de Josie, então olhei para ela com uma expressão de surpresa.

“Ah, mas não se sinta mal, você não tinha como me ver. Tipo, eu estava num táxi, passando por aqui, e nem tão devagar assim. Mas eu te vi na sua vitrine, e foi por isso que fiz a Mamãe parar aqui hoje.” Ela olhou para trás, mais uma vez com cautela. “Nossa. Ela *ainda* está falando com a sra. Jeffries. Que jeito caro de conversar, não acha? O taxímetro não para de rodar.”

Então percebi que, quando ela ria, seu rosto se enchia de gentileza. Mas, estranhamente, foi nesse mesmo momento que, pela primeira vez, me perguntei se Josie poderia ser uma daquelas crianças solitárias sobre as quais a Gerente e eu tínhamos conversado.

Ela olhou para Rosa — que continuava encarando o Edifício RPO, obediente — e disse: “Sua amiga é bem bonita”. Mesmo enquanto ela dizia isso, os olhos de Josie já estavam de novo em mim. Ela continuou me encarando por vários segundos, e tive medo de que

seus adultos saíssem do carro antes que ela pudesse falar mais alguma coisa. Então ela disse:

“Quer saber? Sua amiga vai ser uma companheira perfeita pra alguém. Mas ontem a gente passou por aqui e eu vi *você* , e pensei: é ela, a AA que eu estava procurando!” Ela riu de novo. “Desculpe. Talvez isso pareça falta de respeito.” Ela se virou mais uma vez para o táxi, mas as figuras no banco de trás não davam nenhum sinal de que iriam sair. “Você é francesa?”, ela perguntou. “Você parece meio francesa.”

Sorri e balancei a cabeça.

“Tinha essas duas meninas francesas”, Josie disse, “elas foram ao nosso último encontro. O cabelo das duas era bem assim, curtinho e arrumado que nem o seu. Era bonito.” Ela me encarou em silêncio por mais um momento, e pensei ter visto outro pequeno sinal de tristeza, mas eu ainda era muito nova e não tinha certeza. Em seguida, ela se animou, dizendo:

“Mas me fala, vocês não ficam com calor sentadas aí? Quer alguma coisa pra beber?”

Balancei a cabeça e ergui as mãos com as palmas para cima para mostrar a maravilha que era a nutrição do Sol recaindo sobre nós.

“Ah, é mesmo. Estava esquecendo. Vocês adoram ficar no Sol, né?”

Ela se virou de novo, dessa vez para olhar o topo dos prédios. Naquele momento, o Sol estava bem no vão do céu, e na mesma hora Josie apertou os olhos e voltou a se virar para mim.

“Não sei como vocês conseguem. Digo, ficar olhando direto para o Sol sem ficarem tontos. Não consigo fazer isso nem por um segundo.”

Ela levou uma das mãos à testa e se virou de novo, agora mirando não o Sol, mas algum ponto perto do topo do Edifício RPO. Depois

de cinco segundos, voltou-se para mim mais uma vez.

“Acho que pra vocês, de onde estão, o Sol deve se pôr atrás daquele prédio grande, né? Ou seja, vocês nunca conseguem ver onde ele *realmente* se põe. Aquele prédio deve ficar na frente toda vez.” Ela se virou rápido para conferir se os adultos continuavam dentro do táxi, então prosseguiu: “Lá onde a gente mora, não tem nada na frente. Do meu quarto, dá pra ver certinho onde o Sol se põe. O lugar exato aonde ele vai à noite”.

Devo ter parecido surpresa. E de canto de olho pude ver que Rosa, perdendo o autocontrole, agora encarava Josie com perplexidade.

“Só que não dá pra ver onde ele nasce de manhã”, Josie disse. “Os montes e as árvores atrapalham. Que nem aqui, acho. Sempre tem alguma coisa no caminho. Mas à tarde é uma coisa de outro mundo. Daquele lado, pra onde dá o meu quarto, tem um espaço enorme e vazio. Se você viesse morar com a gente, você veria.”

Um adulto e depois outro saíram do táxi e seguiram pela calçada. Josie não os vira, mas talvez tivesse ouvido alguma coisa, porque começou a falar mais rápido.

“Eu juro. Dá pra ver o lugar exato onde ele se põe.”

Os adultos eram duas mulheres, ambas vestidas com trajes de escritório de alto nível. Imaginei que a mais alta fosse a mãe que Josie mencionara, porque ela não parou de observar Josie nem enquanto trocava beijos no rosto com sua colega. Esta foi embora em seguida, misturando-se aos outros transeuntes, e a Mãe veio em nossa direção. E por apenas um segundo, seu olhar penetrante deixou de recair sobre as costas de Josie e se voltou para mim, e eu imediatamente desviei o olhar para o Edifício RPO. Mas Josie voltou a falar através do vidro, com a voz mais baixa, mas ainda audível.

“Agora preciso ir. Mas eu volto logo. Aí a gente conversa mais.” Então ela disse num quase sussurro que mal consegui ouvir: “Você

não vai embora, né?”.

Balancei a cabeça e sorri.

“Que bom. Então tá. Agora eu vou. Mas depois eu volto.”

Àquela altura, a Mãe já estava em pé logo atrás de Josie. Tinha cabelos pretos e era magra, mas não tanto quanto Josie ou alguns dos corredores. Quando ela chegou mais perto e pude ver seu rosto melhor, aumentei minha estimativa de idade para quarenta e cinco anos. Como disse antes, nessa época eu ainda não conseguia estimar idades com tanta precisão, mas esse palpite se mostraria mais ou menos correto. À distância, pensei a princípio que fosse uma mulher mais jovem, mas, quando ela se aproximou, pude ver as marcas profundas ao redor da boca, e também uma espécie de exaustão raivosa em seus olhos. Também notei que, quando a Mãe chegou por trás de Josie, o braço estendido titubeou no ar, quase se recolhendo, antes de avançar e se apoiar no ombro da filha.

As duas se juntaram ao fluxo de transeuntes, indo na direção da segunda placa de SUJEITO A GUINCHO, Josie com seu jeito cauteloso de andar, a mãe abraçando-a enquanto seguiam. Antes de perdê-las de vista, Josie olhou para trás e, embora para isso tenha perturbado o ritmo da caminhada, acenou para mim uma última vez.

Foi naquela mesma tarde, um pouco depois, que Rosa disse: “Klara, não é engraçado? Sempre pensei que veríamos muitos AAs lá fora quando viéssemos para a vitrine. Todos os que já encontraram um lar. Mas não são tantos assim. Eu me pergunto onde estão”.

Essa era uma das qualidades de Rosa. Ela não percebia muitas coisas e, mesmo quando eu lhe mostrava algo, muitas vezes não notava o que havia de especial ou interessante naquilo. Mas, de quando em quando, fazia um comentário como esse. Assim que ela

disse isso, me dei conta de que eu também imaginara que, estando na vitrine, veria bem mais AAs andando alegremente com suas crianças, talvez até fazendo suas coisas sozinhos, e que, mesmo sem ter admitido para mim mesma, eu tinha ficado igualmente surpresa e um pouco decepcionada.

“Você tem razão”, eu disse, olhando de um lado para outro. “Mesmo agora, em meio a todos esses transeuntes, não há um único AA.”

“Não é um ali? Passando pelo Edifício Saídas de Incêndio?”

Ambas olhamos com atenção, depois balançamos a cabeça ao mesmo tempo.

Embora tivesse sido Rosa quem perguntara sobre os AAs lá fora, ela logo perdeu todo o interesse pelo assunto, como sempre. Quando eu enfim avistei um menino adolescente e seu AA passando pelo quiosque de sucos ao lado do Edifício RPO, ela mal olhou para eles.

Mas eu continuei pensando no que Rosa dissera e, sempre que um AA passava pela loja, eu fazia questão de observar atentamente. Não demorou para eu perceber algo curioso: sempre havia mais AAs do lado do Edifício RPO do que no nosso lado da rua. Muitas vezes, se um AA de fato calhasse de estar vindo na nossa direção e andando no nosso lado, passando com uma criança pela segunda placa de SUJEITO A GUINCHO, em seguida ele atravessava a faixa de pedestres e não passava pela nossa loja. Quando os AAs chegavam a passar por nós, quase sempre agiam de modo estranho, acelerando o passo e virando o rosto para o outro lado. Então me perguntei se nós — a loja inteira — causávamos constrangimento a eles, e se Rosa e eu, quando encontrássemos um lar, ficaríamos incomodadas ao lembrar que nem sempre tínhamos vivido com nossas crianças, que antes morávamos numa loja. Mas, por mais que tentasse, não

conseguia imaginar Rosa ou eu sentindo algo assim em relação à loja, à Gerente e aos outros AAs.

Então, conforme eu observava o lado de fora, outra possibilidade me ocorreu: talvez os AAs não estivessem constrangidos, e sim com medo. Eles tinham medo porque éramos modelos novos, e temiam que em breve suas crianças decidissem que já era hora de jogá-los fora e substituí-los por AAs como nós. Era por isso que passavam pela gente com um ar tão acanhado e se recusavam a olhar em nossa direção. Era por isso que víamos tão poucos AAs da nossa vitrine. Até onde sabíamos, a próxima rua — aquela que ficava *atrás* do Edifício RPO — vivia lotada de AAs. Até onde sabíamos, os AAs que andavam lá fora se esforçavam para fazer qualquer caminho exceto o que passava por nossa loja, porque a última coisa que queriam era que suas crianças nos vissem e viessem até a vitrine.

Não compartilhei nenhum desses pensamentos com Rosa. Pelo contrário, sempre que víamos um AA lá fora, eu fazia questão de me perguntar em voz alta se ele era feliz com sua criança e com seu lar, e isso sempre deixava Rosa muito contente e animada. Ela encarava quase como uma brincadeira, e apontava e dizia: “Olhe, ali! Viu, Klara? Aquele menino adora o AA dele! Ah, olhe como estão rindo juntos!”.

E de fato havia várias duplas que pareciam felizes. Mas Rosa ignorava muitos dos sinais. Não raro ela se encantava com alguma dupla que passava, e eu olhava e me dava conta de que, apesar de estar sorrindo para seu AA, a menina na verdade estava brava com ele, e talvez naquele exato momento estivesse pensando coisas cruéis a seu respeito. Eu sempre percebia coisas assim, mas não dizia nada e deixava que Rosa continuasse acreditando no que acreditava.

Uma vez, na manhã do nosso quinto dia na vitrine, vi dois táxis do lado do Edifício RPO se movendo devagar e tão próximos um do

*image
not
available*

tentava encontrar as origens de tal sentimento em minha mente. Mas era inútil, e eu sempre me pegava rindo das minhas próprias ideias.

Mas havia outras coisas que víamos da vitrine — outras emoções que a princípio eu não compreendia — das quais de fato encontrei versões em mim mesma depois de algum tempo, mesmo que talvez fossem como as sombras que as luminárias de teto projetavam pelo chão quando a porta de ferro da loja baixava. Por exemplo, o que se deu com a sra. Xícara de Café.

Aconteceu dois dias depois de eu ter visto Josie pela primeira vez. A manhã havia sido muito chuvosa, e os pedestres passavam com os olhos estreitos, sob guarda-chuvas e chapéus encharcados. O Edifício RPO não tinha mudado muito com o aguaceiro, embora muitas de suas janelas estivessem iluminadas como se já fosse noite. O Edifício Saídas de Incêndio, logo ao lado, estava com uma grande área úmida na lateral esquerda da fachada, como se algum suco tivesse vazado de um canto do telhado. Mas então, de repente, o Sol abriu caminho, iluminando a rua molhada e os capôs dos táxis, e os transeuntes começaram a sair em grupos ao verem aquilo, e foi em meio ao burburinho que se seguiu que avistei o homenzinho de casaco impermeável. Ele estava do lado do Edifício RPO, e estimei que tivesse setenta e um anos. Estava acenando e chamando, chegando tão perto do meio-fio que temi que se colocasse na frente dos táxis em movimento. Por acaso, a Gerente estava conosco na vitrine naquele exato momento — arrumando o letreiro que ficava em frente ao nosso sofá — e reparou no homem que acenava no mesmo instante que eu. Ele usava um impermeável marrom e o cinto do casaco estava pendurado de um lado, quase tocando seu tornozelo, mas ele não parecia notar, e continuou acenando e chamando por alguém do nosso lado. Uma aglomeração de transeuntes se formara bem em frente à nossa loja, não para nos ver, mas porque, por um

*image
not
available*

queria soltá-la e seguia falando. Eu sabia que deveria continuar olhando para o Edifício RPO, exatamente como Rosa estava fazendo, mas não resisti e olhei para elas algumas vezes, de tanto medo que tive de se perderem na multidão.

Finalmente a Mãe se ergueu e, embora continuasse me encarando, inclinando a cabeça para um lado ou para o outro toda vez que um transeunte bloqueava sua visão, tirou a mão do ombro da filha e Josie se aproximou com seu andar cauteloso. Achei animador que a Mãe tivesse deixado Josie seguir sozinha, mas o olhar da Mãe, que nunca se abrandava ou vacilava, e a própria maneira como se postava ali, os braços cruzados diante do corpo, os dedos agarrados ao material do casaco, me fizeram perceber que havia muitos sinais que eu ainda não aprendera a decifrar. Então Josie estava ali na minha frente, do outro lado do vidro.

“Oi! Tudo bem com você?”

Sorri, assenti e ergui um dos polegares no ar — um gesto que eu vira muitas vezes nas revistas interessantes.

“Desculpe, não consegui voltar antes”, ela disse. “Acho que faz... Quanto tempo?”

Mostrei três dedos, depois acrescentei meio dedo da outra mão.

“Muito tempo”, ela concluiu. “Desculpe. Sentiu minha falta?”

Assenti, fazendo uma cara triste, mas tomando o cuidado de mostrar que não era sério, e que eu não tinha ficado chateada.

“Também senti sua falta. Eu realmente achei que voltaria antes. Você deve ter pensado que eu tinha sumido. Mil desculpas.” Então seu sorriso esmaeceu quando ela disse: “Imagino que várias outras crianças tenham vindo aqui para te ver”.

Fiz que não, mas Josie não pareceu estar convencida. Ela voltou a olhar para a Mãe, não para se tranquilizar, mas para ter certeza de

*image
not
available*

muito maior que o outro, mas ambos eram cheios de gentileza e tristeza. Havia ainda uma terceira caixa que mostrava parte de seu maxilar e sua boca quase inteira, e nelas detectei raiva e frustração. A essa altura, ela tinha se virado por completo e vinha em nossa direção, e mais uma vez a loja se tornou uma imagem única.

“Agradeço a vocês duas”, ela disse e, esticando o braço, nos tocou com gentileza, uma de cada vez. “Muito obrigada.”

Ainda assim, tive a impressão de que alguma coisa estava diferente — de que nós a havíamos decepcionado de alguma forma.

Depois disso, começamos nosso segundo período no meio da loja. Rosa e eu ainda ficávamos juntas na maioria das vezes, mas agora a Gerente passou a mudar nossas posições, e podia acontecer de eu passar um dia ao lado do AA Menino Rex ou da AA Menina Kiku. Na maior parte dos dias, entretanto, eu ainda conseguia ver uma parte da vitrine, e assim continuava aprendendo sobre o que havia lá fora. Quando a Máquina Cootings apareceu, por exemplo, eu estava do lado do revisteiro, bem em frente ao nicho do meio, e tinha uma vista quase tão boa quanto se ainda estivesse na vitrine.

Fazia dias que era óbvio pra gente que a Máquina Cootings seria uma coisa fora do comum. Primeiro, os homens da manutenção vieram preparar tudo para sua chegada, demarcando uma parte especial da rua com barreiras de madeira. Os taxistas não gostaram nem um pouco disso e fizeram muito barulho com suas buzinas. Depois, os homens da manutenção começaram a escavar e quebrar o asfalto, e até partes da calçada, o que assustou os dois AAs que estavam na vitrine. Em um dado momento, quando o barulho se tornou muito desagradável, Rosa levou as mãos aos ouvidos e as manteve ali, mesmo que houvesse clientes na loja. A Gerente pedia

*image
not
available*

escritório despojado e de alto nível, e de início os dois observaram a loja quase sem falar nada. Eu percebi na hora que a menina estava interessada em mim, embora ela só tivesse me olhado rapidamente antes de retornar para a frente da loja. Depois de um minuto, porém, ela voltou e fingiu estar muito concentrada nas pulseiras do Mostruário de Vidro, bem em frente ao lugar onde eu estava. Então, olhando ao redor para ver se seu pai ou a Gerente a observavam, tentou se apoiar no carrinho, fazendo-o avançar alguns centímetros sobre as rodas. Ao fazer isso, ela me olhou com um sorriso contido, como se o carrinho em movimento fosse um segredo nosso. Ela devolveu o carrinho à posição inicial, sorriu para mim mais uma vez e chamou: “Papai?”. Como o pai não respondeu — estava prestando atenção nos dois AAs sentados na mesa de vidro dos fundos —, a menina me lançou um último olhar e foi se juntar a ele. Os dois começaram a conversar aos sussurros, olhando sem parar na minha direção, de forma que não havia dúvida de que falavam de mim. A Gerente, tomando conhecimento da situação, levantou-se de sua mesa e veio ficar ao meu lado, com as mãos cruzadas diante do tronco.

Por fim, depois de muito sussurrarem, a menina voltou, passando pela Gerente até ficar bem de frente para mim. Encostou nos meus cotovelos, um de cada vez, depois tomou minha mão esquerda em sua mão direita e assim permaneceu, me olhando no rosto. Sua expressão era bastante severa, mas a mão apertava a minha de leve, e entendi que se tratava de mais um segredinho só nosso. Mas não sorri para ela. Continuei sem expressão, lançando meu olhar por cima da cabeça de cabelos espetados da menina e em direção às Prateleiras Vermelhas na parede oposta, focando sobretudo na fileira de xícaras de café de cerâmica que ficavam de cabeça para baixo no terceiro

*image
not
available*

quarto B3, é claro, já fora comprado pela menina de cabelo espetado e transportado sem que nenhum de nós o conhecesse.

Rosa e eu continuamos no meio da loja, embora tivéssemos sido transferidas para o lado das Prateleiras Vermelhas quando os novos B3s chegaram. Depois de nosso período na vitrine ter acabado, Rosa passou a repetir o que a Gerente nos dissera: que todas as posições na loja eram boas, e que tínhamos as mesmas chances de ser escolhidas tanto no meio da loja quanto na vitrine ou no nicho da frente. Bem, no caso de Rosa, isso acabou se confirmando.

O dia começou sem que nada sugerisse que um evento tão importante estava prestes a acontecer. Não havia nada de diferente a respeito dos táxis ou dos transeuntes, ou na maneira como a porta da vitrine subiu para se abrir, ou de como a Gerente nos cumprimentou. Ao fim daquela tarde, porém, Rosa havia sido comprada e desaparecido, entrando pela PORTA RESERVADA PARA FUNCIONÁRIOS para se preparar para o processo de entrega. Acho que sempre pensei que, antes de uma de nós partir da loja, haveria tempo de sobra para discutir todos os detalhes. Mas aconteceu muito rápido. Mal consegui apreender qualquer informação útil sobre o menino e a mãe que chegaram e a escolheram. Assim que foram embora e a Gerente confirmou que ela tinha sido comprada, Rosa ficou tão animada que se tornou impossível termos uma conversa séria. Eu queria repassar as várias coisas de que ela precisaria se lembrar para ser uma boa AA; lembrá-la das coisas que a Gerente nos ensinara e explicar tudo que eu aprendera sobre o lado de fora. Mas Rosa falava sem parar, mudando de assunto a todo instante. Será que o quarto do menino teria pé-direito alto? De que cor seria o carro da família? Ela teria a oportunidade de ver o mar? Eles lhe pediriam para preparar uma cesta de piquenique? Tentei lembrá-la da nutrição do Sol, de sua importância, e me perguntei em voz alta se seria fácil

*image
not
available*

descer da vitrine no fim do dia, ela me pareceu tão cansada e séria que decidi ficar quieta.

Na manhã seguinte, a porta da vitrine se levantou e o dia estava esplêndido. O Sol derramava sua nutrição sobre a rua e os prédios, e quando olhei para o lugar onde o Mendigo e o cachorro haviam morrido, vi que não estavam mortos de forma alguma — que uma nutrição especial do Sol os salvara. O Mendigo ainda não estava em pé, mas sorria, sentado com as costas apoiadas na porta vazia, com uma perna esticada e a outra dobrada para servir de apoio ao braço. Com a mão livre, fazia carinho no pescoço do cão, que também voltara à vida e olhava de um lado para outro as pessoas passando. Ambos absorviam com avidez a nutrição especial do Sol, ficando mais fortes a cada minuto, e percebi que, em breve, talvez até naquela tarde, o Mendigo estaria novamente de pé, como sempre fazendo comentários alegres na porta vazia.

Logo meu período de seis dias chegou ao fim, e a Gerente me falou que eu havia sido de grande valia para a loja. Segundo ela, o movimento de clientes fora acima da média enquanto eu estivera na vitrine, e fiquei feliz em saber disso. Eu lhe agradei por ter me oferecido um segundo turno, e ela sorriu e disse que eu com certeza não teria de esperar por muito tempo.

Dez dias depois, fui transferida para o nicho dos fundos. A Gerente, sabendo o quanto eu gostava de ver o lado de fora, me prometeu que seria só por alguns dias, que depois eu poderia voltar para o meio da loja. De qualquer forma, ela disse, o nicho dos fundos era um ótimo lugar, e de fato não vi nenhum defeito nele. Eu sempre gostei dos dois AAs que haviam sido transferidos para a Mesa de Vidro encostada na parede dos fundos, e estávamos perto o

*image
not
available*

“É”, Josie disse. “É, acho que fizemos. Acho que eu que pisei na bola. Demorando tanto e tal.”

Enquanto eu continuava sorrindo, ela chamou por cima do ombro: “Mãe! É esta aqui! A que eu estava procurando!”.

A Mãe se aproximou devagar do arco, então parou. Por um instante, todas as três ficaram me olhando: Josie à frente, com um sorriso radiante; a Gerente logo atrás dela, também sorrindo, mas com uma cautela no olhar que interpretei como um sinal importante que ela estivesse enviando; e, por último, a Mãe, e aqueles olhos estreitos como os das pessoas na calçada quando tentam ver se um táxi está livre ou já ocupado. Assim que eu vi a Mãe e o jeito como me olhava, o medo — aquele que tinha quase desaparecido quando Josie disse: “Você ainda está aqui!” — me voltou à mente.

“Eu não queria ter demorado tanto”, Josie dizia. “É que eu fiquei meio doente. Mas agora já melhorei.” Então disse: “Mãe, podemos comprar ela já? Antes que alguém venha e a leve?”.

Houve um momento de silêncio, e em seguida a Mãe disse em voz baixa: “Essa não é uma B3, pelo que entendi”.

“A Klara é uma B2”, a Gerente disse. “Da série 4, que, segundo alguns, é a melhor série de todas.”

“Mas não é uma B3.”

“As inovações da série B3 são de fato fantásticas. Mas alguns clientes acham que, para crianças de determinados perfis, um B2 top de linha ainda pode ser a combinação mais adequada.”

“Entendi.”

“Mãe. É a Klara que eu quero. Não quero nenhuma outra.”

“Só um minuto, Josie.” Então ela perguntou à Gerente: “Todo Amigo Artificial tem características únicas, certo?”.

“Correto, senhora. Especialmente com a tecnologia destes.”

“E o que torna essa aqui única? Essa... Klara?”

*image
not
available*

PARTE DOIS

*image
not
available*

junto ao refrigerador enquanto Josie e a Mãe ficavam sentadas diante da Ilha, e só pude me juntar a elas depois que Josie reclamou mais uma vez.

O café rápido da Mãe era, como eu disse, um momento importante da manhã, e uma de minhas tarefas era acordar Josie a tempo para essa refeição. Muitas vezes, a despeito de minhas inúmeras tentativas, Josie só se levantava no último minuto e começava a gritar “Vai logo, Klara, vamos nos atrasar!” de dentro de sua suíte, embora eu já estivesse lá fora, no patamar da escada, esperando ansiosa.

Encontrávamos a Mãe sentada diante da Ilha, olhando fixamente para seu oblongo enquanto bebia o café, e Melania Empregada Doméstica girando em torno dela, pronta para lhe servir mais uma xícara. Em geral, Josie e a Mãe não tinham muito tempo para conversar, mas logo entendi que, ainda assim, era muito importante que Josie se sentasse com a Mãe para o café rápido. Certa vez, quando sua doença a impedira de dormir à noite, deixei que Josie voltasse a pegar no sono depois de tê-la acordado, pensando que descansar um pouco mais seria melhor para ela. Quando despertou, ela gritou palavras irritadas para mim e, mesmo estando tão fraca, se apressou para descer as escadas a tempo. Assim que deixou a suíte, porém, ouvimos o carro da Mãe passando sobre o cascalho lá embaixo, e corremos para a janela a tempo de vê-lo partindo em direção ao morro. Josie não gritou comigo de novo, mas, quando estávamos na cozinha, não sorriu enquanto tomava o café da manhã. Então entendi que, se ela não se juntasse à Mãe para o café rápido, a solidão ameaçava invadir seu dia, mesmo que houvesse outros acontecimentos para preenchê-lo.

De tempos em tempos havia manhãs nas quais a Mãe não precisava sair às pressas; em que, apesar de estar usando suas roupas

Quando ela disse isso, olhei ao redor e vi que a luz vespertina do Sol tinha preenchido toda a cozinha. A Mãe ficou olhando para Josie, e pensei que ela estava prestes a ficar brava. Mas, em seguida, sua expressão ficou mais suave e revelou seu sorriso gentil, e ela respondeu: “Claro, querida. Podem ir. Vão ver o pôr do sol. Aí depois jantamos”.

Afora os campos e o céu, havia outra coisa que víamos a partir da janela dos fundos do quarto que despertou minha curiosidade: uma forma escura similar a uma caixa que ficava no final do campo mais distante. Não se mexia quando a grama oscilava ao seu redor e, quando o Sol ficava tão baixo a ponto de quase encostar na grama, a forma escura continuava na frente de seu brilho. Foi na tarde em que Josie correu o risco de provocar a fúria da Mãe por minha causa que eu apontei para a forma e lhe mostrei. Quando fiz isso, Josie se levantou no Sofá Botão e levou as mãos aos olhos para protegê-los da luz.

“Ah, você deve estar falando do celeiro do sr. McBain.”

“Celeiro?”

“Talvez não seja um celeiro de verdade porque há duas aberturas. É mais um abrigo, acho. Onde o sr. McBain guarda umas coisas. Uma vez eu fui lá com o Rick.”

“Eu me pergunto por que o Sol iria descansar num lugar assim.”

“Pois é”, Josie disse. “Todo mundo pensa que o Sol quer um palácio, no mínimo. De repente, o sr. McBain fez uma boa reforma desde a última vez que estive lá.”

“Eu gostaria de saber quando Josie esteve lá.”

“Ah, faz muito tempo. Eu e o Rick ainda éramos bem pequenos. Antes de eu ficar doente.”

“Havia alguma coisa incomum por perto? Um portão? Ou talvez degraus que desciam para dentro da terra?”

*image
not
available*

encarou com olhos pouco amistosos, mas, quando eu disse que Josie queria ir lá fora, ela jogou o oblongo de lado e passou por mim andando a passos firmes.

Encontrei Josie no hall de entrada, vestindo sua jaqueta acolchoada marrom, uma peça que ela adorava e, às vezes, usava dentro de casa quando não estava tão bem.

“Klara, eu não acredito que você mora aqui há todo esse tempo e nunca foi lá fora.”

“Não, eu nunca fui lá fora.”

Josie me olhou por um segundo, depois perguntou: “Você quer dizer que nunca foi *lá fora*? Não só aqui, mas em nenhum lugar?”.

“Correto. Eu estava na loja. Depois vim para cá.”

“Caramba. Então vai ser incrível pra você! Não precisa ficar com medo, tá? Aqui não tem animais selvagens, nada disso. Então, vamos.”

Quando Melania Empregada Doméstica abriu a porta da frente, senti o ar renovado — e a nutrição do Sol — entrando pelo hall. Josie sorriu para mim com o rosto cheio de gentileza, mas, em seguida, Melania Empregada Doméstica se pôs entre nós, e, antes que eu me desse conta disso, pegou o braço de Josie e o encaixou sob o dela. Josie também ficou surpresa com esse gesto, mas não reclamou, e eu entendi que Melania Empregada Doméstica havia concluído que eu talvez não conseguisse garantir a segurança de Josie no ambiente externo devido à minha inexperiência. Então as duas saíram juntas, e eu fui atrás delas.

Caminhamos pela área do cascalho, que, depreendi, devia ter aquela superfície irregular de propósito, para a passagem do carro. O vento estava leve e agradável, e eu me perguntei como era possível que, mesmo assim, as árvores altas do morro se curvassem e sacudissem por causa dele. Mas logo tive que me concentrar nos

*image
not
available*

Mãe, e que os objetivos dele e os meus poderiam ser, em certo sentido, quase paralelos, e que eu deveria observá-lo cuidadosamente para entender como ele se encaixava na vida de Josie.

“É um prazer conhecer Rick”, eu falei. “Eu me pergunto se ele mora naquela casa vizinha. É estranho, mas eu nunca tinha visto aquela casa.”

“É, é lá que eu moro. Eu e a Mamãe”, ele disse, ainda sem olhar para mim.

Então todos nos voltamos para a visão das casas, e pela primeira vez pude de fato ver o exterior da residência de Josie. Era um pouco menor, e os beirais de seu telhado, um pouco mais protuberantes, mas, fora isso, correspondia bem ao que eu tinha estimado a partir do interior. As paredes haviam sido edificadas com tábuas cuidadosamente posicionadas umas sobre as outras e pintadas num tom quase branco. A casa em si era feita de três caixas separadas que se conectavam e se transformavam numa forma única e complexa. A casa de Rick era menor, e não só porque estava mais distante. Também tinha sido construída com tábuas de madeira, mas a estrutura era mais simples — uma só caixa, mais alta do que larga, posicionada sobre a grama.

“Acho que Rick e Josie devem ter crescido lado a lado”, eu disse a Rick. “Como as casas de vocês.”

Ele encolheu os ombros. “Pois é. Lado a lado.”

“Acho que o sotaque de Rick é da Inglaterra.”

“Só um pouco, talvez.”

“Fico feliz que Josie tenha um amigo tão bom. Espero que a minha presença nunca atrapalhe uma amizade tão boa.”

“Espero que não. Mas tem muita coisa que pode atrapalhar uma amizade.”

*image
not
available*

“Então Josie desejaria que eu estivesse presente.”

“Claro que quero você presente. Mas talvez você não ache tão divertido. Esses encontros são uma porcaria, isso sim.”

Na manhã do encontro de interação, Josie estava muito ansiosa. Depois do café da manhã, ela voltou ao quarto para experimentar diferentes peças de roupa, e mesmo quando começamos a ouvir os convidados chegando e Melania Empregada Doméstica a chamou pela terceira vez, ela continuou escovando o cabelo. Por fim, com tantas vozes audíveis no andar de baixo, eu disse a ela: “Talvez esteja na hora de nos juntarmos aos convidados de Josie”.

Só então ela pousou a escova sobre a penteadeira e se levantou. “Você tem razão. Hora de encarar a realidade.”

Descendo as escadas, vi que o hall de entrada estava cheio de pessoas desconhecidas que falavam com vozes bem-humoradas. Eram os adultos acompanhantes — todos mulheres. Vozes mais jovens vinham do Espaço Aberto, mas as portas de correr haviam sido fechadas, então os convidados de Josie ainda não estavam visíveis para nós.

Josie, descendo as escadas à minha frente, parou quando faltavam quatro degraus. Talvez ela tivesse até dado meia-volta se um dos adultos não lhe dissesse: “Oi, Josie! Tudo bem com você?”.

Josie ergueu uma das mãos, e então a Mãe, passando por entre os adultos no hall, fez um gesto na direção do Espaço Aberto. “Entra lá, seus amigos estão esperando.”

Pensei que em seguida a Mãe diria mais alguma coisa para reforçar a mensagem, mas os outros adultos se aglomeraram ao seu redor, falando e sorrindo, e ela foi obrigada a nos dar as costas. Nesse momento, Josie de fato pareceu ganhar mais confiança e desceu os

*image
not
available*

“Algumas de nós tivemos sorte, outras não.” Uma mulher de pele negra, ao dizer isso, deu um passo adiante e tocou no ombro da Mãe com gentileza.

“Mas a Josie está bem agora, não está?”, outra voz perguntou. “Ela parece muito melhor.”

“Ela tem dias bons e dias ruins”, respondeu a Mãe.

“Ela está com uma cara tão melhor...”

A mulher liquidificador disse: “Ela vai ficar bem, tenho certeza. Você foi tão corajosa, depois de tudo que passou. Um dia a Josie vai te agradecer muito”.

“Pam, vamos.” A mulher de pele negra se aproximou e começou a levar a mulher liquidificador para longe. Mas a Mãe, olhando para a mulher liquidificador, perguntou em voz baixa:

“Você acha que a Sal iria me agradecer?”

Diante disso, a mulher liquidificador começou a chorar. “Olha, eu sinto muito, muito. Eu sou tão idiota, eu abro a boca e...” Ela soluçou, depois prosseguiu, falando alto: “E agora todas vocês sabem, têm certeza de que eu sou a maior idiota do mundo! Era só que aquele menino simpático... Pareceu uma injustiça... Chrissie, me desculpa”.

“Olha, sério, vamos deixar isso pra lá, por favor.” A Mãe, agora se esforçando um pouco mais, se aproximou da mulher liquidificador e lhe deu um leve abraço. A mulher liquidificador retribuiu o abraço na mesma hora e continuou chorando, com o queixo pousado sobre o ombro da Mãe.

Houve um momento de silêncio incômodo, então a mulher de pele negra disse com uma voz animada: “Bom, parece que eles estão se virando bem lá dentro. Por enquanto, nenhum sinal de pancadaria”.

Todo mundo riu. Então a Mãe falou, com um novo tom de voz:

*image
not
available*

“Verdade! Você deve gostar de ficar andando lá fora, né? Deve ser muito tranquilo.”

“Tranquilo é a palavra certa. É tudo perfeito, até que você decide ir ao cinema.”

Eu sabia que Rick esperava que todos dessem risada, como os adultos tinham feito quando ele falou sobre o delivery de pizza. Mas as quatro meninas só continuaram olhando para ele com um ar gentil.

“Mas você não vê filmes no seu DS?”, uma delas perguntou depois de um tempo.

“Às vezes. Mas gosto de cinema de verdade. Tela grande, sorvete. Eu e a minha mãe gostamos. O problema é que é muito longe.”

“Tem um cinema na esquina da rua de casa”, a menina dos braços compridos falou. “Mas quase nunca vamos.”

“Olha! Ele gosta de filmes!”

“Missy, por favor? Desculpe, não dê atenção à minha irmã. Então você gosta de filmes. Ajuda a relaxar, né?”

“Você deve gostar de filme de ação”, disse a menina que se chamava Missy.

Rick olhou para ela. Então ele sorriu e respondeu: “Às vezes é legal. Mas a Mamãe e eu preferimos filmes antigos. Era tudo tão diferente naquela época. Assistindo a esses filmes, dá pra ver como eram os restaurantes. As roupas que as pessoas usavam”.

“Mas você deve gostar de filme de ação, né?”, falou a menina de braços compridos. “Perseguições de carro e tal.”

“Ei”, outra menina atrás de mim disse. “Ele disse que vai ao cinema com a mãe. É fofo.”

“Mas a sua mãe não prefere que você vá com os seus *amigos*?”

“Não é assim que funciona, não. É só... é mais uma coisa que eu e a minha mãe gostamos de fazer.”

*image
not
available*

Um dos outros meninos no sofá dos fundos gritou: “Olha só! Ela fala! Celebremos!”.

“Cala essa boca, Scrub”, Danny berrou de volta. Então, ele me perguntou: “Qual é o seu nome, mesmo?”.

“O nome dela é Klara”, Josie respondeu atrás de mim. “Danny, solta ela. Ela não gosta que peguem nela desse jeito.”

“Aí, Danny”, Scrub gritou de novo. “Joga ela pra cá.”

“Se você quer ver a AA”, Danny disse, “levanta desse sofá e vem aqui.”

“Só joga ela. Vamos ver se ela tem coordenação.”

“Ela não é sua AA, Scrub.” Danny continuava apertando meus cotovelos. “Isso é uma coisa que você tem que pedir pra Josie.”

“Ei, Josie”, Scrub chamou. “Não tem problema, né? A minha B3, você pode arremessar ela pelo ar e ela cai de pé toda vez. Vai, Danny. Joga ela aqui no sofá. Ela não vai quebrar.”

“Que tosco”, a menina dos braços compridos disse baixinho, e várias das meninas, inclusive Josie, riram.

“A minha B3”, Scrub prosseguiu, “dá cambalhota e aterrissa com os dois pés no chão. As costas retas, perfeita. Vamos ver se essa consegue.”

“Você não é B3, né?”, Danny perguntou.

Eu não respondi, mas Josie disse atrás de mim: “Não, mas ela é a melhor”.

“É mesmo? Então ela faz o que o Scrub falou?”

“Agora eu tenho um B3”, uma voz de menina disse. “Vocês vão conhecer ele no próximo encontro.”

Então outra voz perguntou: “Por que você não quis um B3, Josie?”.

“Porque... eu gostei dessa.” Josie disse isso com um tom de incerteza, mas em seguida sua voz pareceu recobrar a força. “Não